PsiPorã
Revista do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFGD

TODOS OS LUTOS IMPORTAM? DISCUSSÕES SOBRE LUTOS NÃO RECONHECIDOS EM CORPOS DISSIDENTES

DO ALL GRIEVINGS MATTER? DISCUSSIONS ABOUT DISENFRANCHISED GRIEF IN DISSIDENT BODIES

IMPORTAN TODOS LOS DUELOS? DISCUSIONES SOBRE EL DUELO NO RECONOCIDO EN LOS CUERPOS DISIDENTES

Jose Valdeci Grigoleto Netto[1]

Resumo
O luto é um processo caracterizado pela ruptura de um vínculo afetivo e que não necessariamente está conectado com a morte concreta de um corpo. Pensar no rompimento de laços e relações em vida pode ser considerado como uma perda simbólica e que, por isso, tende a causar diversas respostas subjetivas e individuais nas pessoas. Neste caminho, tencionar reflexões acerca da ruptura de relações afetivas entre homens que se consideram homossexuais cisgêneros é o objetivo central desta pesquisa. Para tanto, nos embasamos em referenciais teóricos que exploram a temática do luto e em estudos sobre a diversidade sexual e de gênero. Enquanto método, este estudo contou com uma pesquisa de campo pautada no método qualitativo, com a realização de entrevistas com homens gays que vivenciaram uma ruptura de ordem afetivo-sexual. Assim, foram realizadas seis entrevistas, tanto na modalidade presencial quanto online, conforme preferência de cada participante. Cada narrativa dá expressão a uma particularidade no modo de viver o luto conforme o relato dos entrevistados. Por essas narrativas, podemos compreender que existem fatores que levam os sujeitos que não se enquadram em normas heteronormativas a viverem experiências de luto de forma isolada, sem contar com redes de apoio e acolhimento.
Palavras-chave: Luto. Homossexualidade. Separação. Heteronormatividade.

Abstract
Grief is a process characterized by the rupture of an emotional bond and which is not necessarily connected with the concrete death of a body. Thinking about breaking ties and relationships in life can be considered a symbolic loss and, therefore, tends to cause different subjective and individual responses in people. In this way, intending reflections on the rupture of affective relationships between men who consider themselves cisgender homosexuals is the central objective of this research. To do so, we are based on theoretical references that explore the theme of mourning and studies on sexual and gender diversity. As a method, this study included field research based on the qualitative method, with interviews with gay men who experienced an emotional-sexual rupture. Therefore, six interviews were carried out, both in person and online, depending on the preference of each participant. Each narrative gives expression to a particularity in the way of experiencing grief according to the interviewees' reports. Through these narratives, we can understand that there are factors that lead

[1] Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Assis, São Paulo. E-mail: josegrigoleto@outlook.com ORCID https://orcid.org/0000-0002-8845-3041

individuals who do not fit into heteronormative norms to experience grief in isolation, without having support and welcoming networks.
Key-words: Grief. Homosexuality. Separation. Heteronormativity.

Resumen
El duelo es un proceso caracterizado por la ruptura de un vínculo afectivo y que no necesariamente está relacionado con la muerte concreta de un cuerpo. Pensar en romper vínculos y relaciones en la vida puede considerarse una pérdida simbólica y, por tanto, tiende a provocar diferentes respuestas subjetivas e individuales en las personas. De esta manera, proponer reflexiones sobre la ruptura de relaciones afectivas entre hombres que se consideran homosexuales cisgénero es el objetivo central de esta investigación. Para ello, nos basamos en referentes teóricos que exploran la temática del duelo y estudios sobre la diversidad sexual y de género. Como método, este estudio incluyó una investigación de campo basada en el método cualitativo, con entrevistas a hombres homosexuales que vivieron una ruptura emocional-sexual. Para ello, se realizaron seis entrevistas, tanto presenciales como online, en función de la preferencia de cada participante. Cada narrativa expresa una particularidad en la forma de vivir el duelo según los relatos de los entrevistados. A través de estas narrativas, podemos comprender que existen factores que llevan a individuos que no encajan en normas heteronormativas a vivir el duelo de forma aislada, sin contar con redes de apoyo y acogida.
Palabras-clave: Duelo. Homosexualidad. Separación. Heteronormatividad.

Segundo Louro (2004), as sociedades em diferentes épocas buscam estabelecer divisões binárias entre masculino e feminino, no qual tais corpos tendem a serem concebidos de maneiras distintas e a trazerem consigo traços e marcas divergentes, modificando-se segundo sua história e cultura.

É imprescindível sinalizar que para Foucault (2020) os séculos XIX e XX foram determinantes como a época da disseminação das sexualidades, ou seja, foi a época da implantação das chamadas “perversões” e, com isso, a heterossexualidade passou a assumir atribuição de norma. Destaca-se que, até então, já havia sido “estipulada” uma certa ordem do desenvolvimento sexual que ia da infância à velhice, sendo todos os possíveis desvios cuidadosamente catalogados e controlados.

Se hoje observamos certo tabu em relação a alguns temas que cercam as sexualidades, principalmente as consideradas “desviantes”, Foucault (2020) sinaliza que os fatos nem sempre se deram de tal maneira. No início do século XVII, por exemplo, não havia receio ao se falar sobre sexo: as palavras eram ditas sem acanhamento, as práticas não buscavam, de maneira alguma, a discrição. Não havia disfarce.

Contudo, a partir do século XIX há uma significativa mudança na lida com a sexualidade, encerrando-se, pois, como algo antes liberto, movendo-se enquanto foco único da reprodução e, por isso, seu lugar passa a ser o quarto dos pais, local este que guarda a intimidade conjugal e familiar, centro da procriação e, logo, do segredo. Instaura-se a interdição frente ao tema do sexo. O sexo é renegado ao silêncio, ao interdito, fruto da repressão. Logo, se há o silenciamento de certos discursos, é esperado que não haja nada para ser dito, visto e, inclusive, nada para saber (Foucault, 2020).

Ao nos debruçarmos nos estudos do luto, encontramos diversos autores/as que apresentam conceitos e ideias do que venha a ser este fenômeno. Parkes (1998) apresenta o luto enquanto uma resposta normal frente a uma perda, não sendo considerado um estado, mas sim um processo, pois engloba uma sucessão de quadros que tendem, em seu decurso, a se mesclar e se substituírem. Para Barbosa (2016), o luto, fruto da experiência do rompimento de um vínculo afetivo, envolve um complexo processo de mudanças e transformações que abarca diversas dimensões.

No mesmo caminho, Doka (2016) destaca que o luto se caracteriza por reações altamente individuais, isto é, algumas pessoas podem apresentar-se profundamente abaladas, enquanto outras podem vir a experienciar o luto de forma mais resiliente. Além do mais, destaca que o luto é da ordem multidimensional, podendo afetar nossas emoções, comportamentos e pensamentos.

Neste caminho, o presente trabalho buscar realizar uma intersecção entre a temática da homossexualidade e do luto, partindo de discussões teóricas em bibliografias consistentes, buscando a produção de reflexões acerca da experiência do luto em corpos dissidentes.

Desenvolvimento teórico

A sexualidade e seus dispositivos

Para Foucault (2020) é possível considerar a sexualidade enquanto um dispositivo histórico que leva em consideração certo número de estratégias de saber e poder. Sobre o conceito de dispositivo relacionado ao sexo e às relações, podemos apreender, no pensamento foucaultiano, duas concepções: a primeira, a um *dispositivo de aliança*, ligado à ideia do sistema de matrimônio, da

conjugalidade, do compartilhamento de nomes e bens. Oposto a esse, temos o *dispositivo da sexualidade*, que toma força a partir do século XVIII, com o deslocamento, e não a substituição, da importância social que lhe era atribuída.

Ao discorrermos a respeito desses controles e das análises políticas do poder, estamos nos referindo às representações que se ligam, por exemplo, à instância da regra. Nesse entendimento, o poder é o que determina a lei, ficando o sexo a ele restrito: é o poder que determina, de maneira binária, o que é lícito e ilícito. Também, irrompe o ciclo da interdição, em que o poder tende a oprimir o sexo, impedindo o toque, o prazer, acarretando em uma lei de proibição que, claro, tende a continuar acontecendo em segredo, na clandestinidade (Foucault, 2020).

Foucault (2020) visando evitar possíveis mal-entendidos, busca, de maneira acurada, apresentar o conceito de poder que utiliza em seus estudos. Para o autor, poder não é compreendido como o "[...] conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado" (Foucault, 2020, p.100), ao contrário, o poder é considerado enquanto um:

> [...] jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes, as transforma [as forças], reforça, inverte; os apoios que tais correlações [e] forças encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas, ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (Foucault, 2020, p.100).

Em suma, o poder é móvel, não é estático. O poder é permeado nas relações, se dá em situações específicas, em certos jogos e acordos, originados nas desigualdades que, justamente, induzem diferentes estados de organização (Foucault, 2020). Ainda, o poder é exercido em diferentes pontos e em diversas relações que são, em essência, desiguais, levando-se em consideração que todo poder passa a ser exercido a partir de um determinado objetivo a ser alcançado, ou seja, há um alvo específico.

Louro (1997), nesta direção, sinaliza que o poder exercido passa a ter efeitos sobre suas ações. Diante disso, destaca a importância do exercício do poder, que passa a se constituir por diferentes tipos de manobras e técnicas, por exemplo, que podem vir a ser resistidas e contestadas, além de transformadas ou aceitas.

Sobre a ideia de falar e, enquanto resultado, o surgimento de novos discursos, Foucault (2014) lança a questão: o que se produz de tão nocivo nos discursos e em sua possível proliferação? É nesse caminho que o autor nos relata os procedimentos de exclusão, com ênfase à interdição, que rodeiam nossa sociedade ocidental. Compreende-se, pois, a interdição enquanto a impossibilidade de falar tudo em todos os lugares, de não se ter o direito de ser o enunciador acerca de determinado assunto, isto é, não se pode falar de qualquer assunto em qualquer conjuntura.

Não apenas, o autor enuncia que é fato que dentre tais interdições se encontre, com maior afinco, o tema da sexualidade e da política, isso pois os efeitos dos discursos tendem a desvelar as interdições que os atingem, revelando, dessa forma, a relação entre desejo e poder.

Há ainda outro princípio, segundo Foucault (2014), que tende a limitar e a cercear os discursos: as “disciplinas”, podendo estas serem compreendidas não como sendo a junção dos discursos que podem ser enunciados acerca de determinado fenômeno e nem aquilo que pode ser aceito sobre determinada pauta, mas sim enquanto um princípio que tende a controlar a produção dos discursos, com uma constante atualização das regras do “jogo”, nos sujeitando a uma “polícia” discursiva, que nos limita, atravessa e molda. Ainda sobre os discursos, podemos destacar que:

> [...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas [...] enquanto outras parecem quase abertas a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de cada sujeito que fala (Foucault, 2014, p. 35).

À vista disso, podemos compreender o conceito de biopoder apresentado por Foucault (2020) e constatar como houve um intenso investimento político que visava (e, não obstante, ainda visa) o controle dos corpos dos sujeitos.

Processos de luto

Em um viés contemporâneo, Franco (2021) compreende o luto enquanto um processo permeado pela busca de significado ocasionado pelo rompimento de algum vínculo afetivo, destacando que "é processo porque implica mudança, elaboração, movimentos para a frente, para trás, para os lados. Implica ser dinâmico, não estático" (Franco, 2021, p. 24), em que isso se justifica na medida em que:

> […] o luto se apresenta em um contexto cultural, regulador de significados; é singular, público, grupal, comunitário, domínios esses que trazem significados prontos e vigentes, com força suficiente para se impor ao indivíduo que vive esse processo e poderá questioná-los, submeter-se a eles, ressignificá-los (Franco, 2021, p. 24).

Neste ponto, pontuamos que, ao abordarmos acerca do tema do luto não estamos nos referindo apenas às perdas por morte de uma pessoa com quem se estava de alguma maneira vinculado. Ao contrário, o luto é muito mais amplo e abrange um leque de outros eventos que permeiam nosso cotidiano: a perda da vitalidade, uma deficiência adquirida, uma separação amorosa, a perda de uma posição social, dentre outros. Em relação aos "tipos" de luto, Kovács (2007) diferencia-os entre: ocasionados por *mortes concretas* e *mortes simbólicas,* destacando que, mesmo que não haja a perda concreta de uma pessoa, o luto desencadeado por mortes simbólicas tende a provocar reações semelhantes à estas, tais como: tristeza, medo e dor.

Ademais, é pertinente situarmos que falar acerca dos processos de perdas e luto é um tema recorrente na literatura científica há séculos, ganhando espaço e notoriedade a partir do século XX. Parkes (1998, 2009) menciona o livro *The Expression of the Emotions in Men and Animals*, de Charles

Darwin, por exemplo, como um trabalho que buscou descrever as reações de tristeza que os seres humanos e demais animais expressam após situações de perdas. Ainda, Franco (2010) faz um resgate à Freud e seu clássico texto *Luto e Melancolia*, escrito a partir de suas observações clínicas durante a Primeira Guerra Mundial, destacando aspectos relacionados ao luto, depressão e transtornos pós-traumáticos.

Neste caminho, a partir de outros estudos e pesquisas acerca do luto, autores/as passaram a tentar compreender o processo de luto, buscando identificar mecanismos efetivos para uma adequada intervenção com pessoas enlutadas. É válido pontuar que existem diversos autores/as que trabalham com modelos conceituais de luto. Logo, pensar em lutos que sejam dignos de serem vividos e lutos que não o são é refletir quanto aos impactos sociais no silenciamento de certas vozes e do papel do coletivo na validação ou no silenciamento dos sentimentos que as pessoas que perderam alguém, de significativa vinculação, vivenciam.

Em relação às separações em vida, Kovács (2011) chama-as de “perda entre vivos”, pontuando que, mesmo que não houve a morte concreta, os sentimentos despertados se assemelham ao luto desencadeado pela morte biológica de uma pessoa: é como se o outro tivesse morrido, mas ele continua ali, vivo, em algum lugar sua existência permanece.

Doka (1999, 2002, 2022) apresenta o conceito de luto não reconhecido como sendo o luto que não é possível de ser expressado socialmente, isto é, o luto que não recebe espaço para ser compartilhado, onde as pessoas enlutadas não possuem direitos de expressar seu pesar, de torná-lo público.

Logo, quando não acontece a validação social desta perda, Casellato (2015) sinaliza que a falta de expressão do pesar pode acarretar no adiamento ou, ainda, na inibição do processo de elaboração do luto, ocasionando, em um primeiro momento, em dificuldade para aceitar a realidade instalada, bem como a impossibilidade de se buscar e construir novas figuras de apego para suprirem as necessidades afetivas da pessoa enlutada.

Mesmo que os sujeitos enlutados apresentem uma gama importante de reações frente à perda, o seu luto tende a ser negligenciado, (Doka, 2002, 2022), numa lógica que segue a ideia de que ele

não possui “direitos” de se sentir enlutado. Logo, a sociedade, em ampla escala, possui intensa responsabilidade nessa falta de franqueamento, visto que:

> Cada sociedade possui normas que estruturam a maneira de se enlutar. Essas normas não incluem apenas comportamentos esperados, mas também normas em relação ao sentir, pensar e expressar. Em outras palavras, quando uma perda acontece, essas regras do luto incluem não apenas como uma pessoa vai se expressar, mas também como vai pensar e se sentir. Ela governa quais perdas são enlutáveis, como serão enlutáveis, quem legitimamente pode se enlutar pela perda e como e a quem os outros podem responder com simpatia e apoio. Essas normas existem não apenas como hábitos populares ou comportamentos naturalmente esperados, mas também como “leis” (Doka, 2002, p. 06, tradução nossa).

Nesta perspectiva, vê-se que o conceito de luto não reconhecido abarca a noção de que a sociedade determina, através de suas normas e “regras do luto”, “[...] quem, quando, onde, como, por quanto tempo e por quem a pessoa deverá enlutar-se” (Doka, 1999, p. 37, tradução nossa), ignorando aspectos que são subjetivos de cada pessoa. Corr (1999) pontua que tal conceito admite que a sociedade, direta ou indiretamente, se nega a reconhecer, validar ou dar qualquer tipo de suporte ao luto de determinados indivíduos, famílias ou comunidades. No entanto, mesmo que o luto seja negado pela sociedade, Casellato (2005) destaca que este processo pode ser vivido da mesma maneira no nível subjetivo e intrapsíquico da pessoa enlutada, podendo ser regido por sentimentos de culpa, medo e vergonha.

Os estudos da filósofa Judith Butler são provocativos para desenvolvermos um olhar direcionado aos dispositivos sociais e culturais que são intencionalmente construídos e marcados em relação ao fenômeno do luto e, a partir de então, analisarmos seus efeitos e atravessamentos na esfera da subjetividade. Além disso, Butler nos propõe compreendermos a problemática dos corpos considerados humanos e quais não o são, o que consequentemente nos faz olhar para algumas vidas enquanto passíveis de serem enlutadas, enquanto outras podem ser ignoradas, apagadas, rechaçadas.

Em relação ao corpo, Butler (2018) destaca que ele está exposto a todo instante à modelagem e forma social, articulando-se política e socialmente, submetendo-se às exigências sociais, tais como a linguagem, o trabalho e o desejo, recursos que tornam a subsistência autorizada é possível. Isso posto, conclui-se que "os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos" (Butler, 2018, p. 17). Para a autora, o corpo passa a ser compreendido enquanto um fenômeno social, pois está exposto aos outros, sendo vulnerável por essência. Logo, para que o corpo sobreviva ele depende de condições externas, com o que está fora.

Nesta ótica, respaldada pelos estudos de Butler, Rodrigues (2020, 2021) sinaliza que é preciso, além de buscarmos estabelecer o reconhecimento de todas as vidas enquanto vidas que são passíveis de luto, é necessário que busquemos a compreensão acerca de quais são as condições que enquadram determinadas vidas em não serem reconhecidas e enlutáveis. Logo, faz-se preciso pensar o porquê o racismo, as sexualidades não-heteronormativas, bem como o preconceito religioso pesam mais em relação a outros corpos.

Metodologia

A proposta deste estudo refere-se a uma pesquisa de abordagem qualitativa, a qual trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes" (Minayo, 2009a, p. 21). A abordagem qualitativa objetiva considerar os sentidos de determinados fenômenos a partir dos significados que os sujeitos atribuem ao que falam e fazem (Chizzotti, 2006), considerando que não existe um padrão único, ou seja, uma verdade absoluta e inalterável. Strauss e Corbin (2008) esclarecem que quando nos referimos à pesquisa qualitativa, nosso objetivo é nos debruçarmos em pesquisas que visem produzir resultados que não podem ser alcançados utilizando-se recursos estatísticos, ou, ainda, de outra maneira que utilize da quantificação.

Logo, neste tipo de pesquisa, é propício que se realize a análise qualitativa que, ainda conforme Strauss e Corbin (2008) pontuam, não se referem à quantificação dos dados de ordem qualitativa, mas sim a um processo que não é matemático e que visa a interpretação realizada com o intuito de trazer

à luz conceitos e relações oriundos de dados brutos, ou seja, das mais diversas fontes que podem ser: entrevistas, observações, documentos, dentre outros.

O objetivo geral deste trabalho é produzir sentidos acerca dos rompimentos de vínculos afetivos entre homens cisgêneros homossexuais. Como estratégia de coleta de dados, utilizamos a entrevista aberta em que, segundo Minayo (2009b), o entrevistado "[...] é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões" (Minayo, 2009b, p.64) que surgirem. Como recurso para a coleta e registro das entrevistas, contamos com gravador de som, sendo este, de acordo com Creswell (2007), um recurso importante para a captura das das enunciações.

Para esta pesquisa, participaram 06 (seis) pessoas, a fim de responder aos objetivos do projeto. A escolha desta amostragem foi ao encontro ao que Creswell (2007) pontua, em que nas pesquisas de cunho qualitativo não deve haver a necessidade de selecionar muitos participantes, mas sim que se reúna uma seleção proposital dos sujeitos participantes da pesquisa.

Nesta lógica, selecionamos sujeitos com características diversificadas, tencionando alcançar a multiplicidade e variedade de experiências pessoais que cada entrevistado tende a trazer. Estas características incluem: idade, raça/etnia, classe social e nível de escolaridade.

Para localizar os participantes, em um primeiro momento foi realizada divulgação nas redes sociais Facebook, Instagram e WhatsApp, elucidando o propósito desta pesquisa. A partir disso e da manifestação de interesse, entramos em contato com os interessados para a apresentação da pesquisa e para sanar eventuais dúvidas.

Após a manifestação de interesse por parte dos sujeitos, realizei o primeiro contato via telefone para explicar a pesquisa e, ainda, solicitar um endereço e-mail ou contato de *WhatsApp* para que fosse encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE para leitura, com o propósito de que a pessoa pudesse ler o documento e sanar suas eventuais dúvidas antes da assinatura. Os encontros foram divididos em dois momentos, detalhados abaixo.

Após a realização da transcrição das entrevistas, revisão do material com os áudios gravados e da realização dos encontros, chegou a hora de realizarmos a leitura e compreensão dos dados coletados.

Para tanto, buscamos manter a integridade dos participantes, de suas histórias de vida e de seus lutos. Logo, a partir desta premissa central que norteia todo o trabalho, buscamos não limitar e/ou reduzir suas falas e respostas à categorias estabelecidas e rígidas, mas sim visamos, através de narrativas, elucidar seus relatos em uma produção do sensível, isto é, na busca de afetar e tocar o leitor, para que o contato com o que aqui está sendo produzido não torne-se apenas uma leitura, mas sim uma provocação e inquietação.

Resultados

Para mantermos o sigilo ético de identificação dos entrevistados, os participantes da pesquisa serão aqui representados com os nomes de personagens masculinos da escritora Clarice Lispector. Os nomes foram elencados sem nenhum tipo de identificação e/ou critério, apenas organizados de maneira aleatória. Abaixo seguem, respectivamente, a ordem dos entrevistados.

- Entrevistado 1: Olímpico;
- Entrevistado 2: Rodrigo;
- Entrevistado 3: Ulisses;
- Entrevistado 4: Alfredo;
- Entrevistado 5: Otávio;
- Entrevistado 6: Daniel.

Cada uma das seis histórias aqui narradas apresenta pontos particulares, específicos, de vivências que não são possíveis de serem revividas exatamente pela individualidade que há nas experiências. Ao falarmos de luto, as teorias têm apontado que alguns elementos podem aparecer universalmente no fenômeno, mas não podemos, de maneira alguma, buscar classificar e generalizar as experiências que cada pessoa experimenta, exatamente pela unicidade dos vínculos e das relações outrora formadas.

É preciso ampliar nossos olhares e leituras para além de categorizações do luto em fases, como já destacado anteriormente. Ademais, mesmo compreendendo hoje o luto enquanto um processo que envolve a dualidade de movimentos (movimento que hora se direciona para a perda em si, hora

para a restauração), é importante que haja uma leitura que leve em consideração, sempre, as singularidades de cada pessoa, respeitando seus recursos de enfrentamento e, ainda, a história da relação que foi rompida, com um olhar sensível e atento para como o vínculo foi criado, mantido e rompido.

As narrativas aqui compartilhadas são de vidas infames, como pontua Foucault (2003) ao se referir à existência de pessoas comuns e que não possuem fama, por isso o movimento contrário - a infâmia. No entanto, são vidas singulares, vidas marcadas inúmeras vezes por atos violentos, como o não reconhecimento das relações que fogem à heterossexualidade, por exemplo, e com isso a produção de discursos e exclusões que insistem em colocar essas pessoas à margem da existência, em relações de poder-controle que, inclusive, controlam o que é dito/produzido frente à memória dessas pessoas. Sobre essa relação:

> O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas. As falas breves e estridentes que vão e vêm entre o poder e as existência[s] as mais essenciais, sem dúvida, são para estas o único monumento que jamais lhes foi concedido; é o que lhes dá, para atravessar o tempo, o pouco de ruído, o breve clarão que as traz até nós (Foucault, 2003, p. 208).

Do mesmo modo Foucault (2003) busca olhar para as vidas relatadas como sendo poemas-vidas, em um ato de resistência, aqui busquei o mesmo movimento, não visando a produção de Verdades (com v maiúsculo) mas sim a produção do verossímil, ou seja, de verdades múltiplas, que podem ser verdadeira(s) e coexistirem, em um rizoma.

Com isso, ao nos propormos escrever sobre determinados modos de vida, acabamos por produzir modos corretos e esperados de se viver, o que é um engodo. Com isso, caímos em um paradoxo: ao possibilitar espaço para a discussão de vidas infames, corremos o risco de colocá-las em teorias, enquadrar modos de viver, produzir classificações teóricas que definem, cerceiam e limitam

modos de existir no mundo. Não seria esta, também, uma maneira de violentar determinadas existências, produzindo discursos que falam pelos outros?

Em concordância e complementando as ideias do autor, Azevedo, Henz e Rodrigues (2019) sinalizam que, no ato de pesquisar, nós enquanto pessoas constituímos modos distintos de ver, dizer, sentir e, inclusive, agir em relação às vidas das pessoas nas quais nos debruçamos. Como consequente caminho, no ato de escrever, de narrar, produzimos o que até então não sabíamos. É na possibilidade de ver o infame que podemos chegar ao que até então era dito e posto como modelos garantidos e únicos e, assim, transcender, visando a produção de dados "no lugar de" ao invés de "para uso de", isto é, produzir novos territórios que não busquem responder questões previamente estipuladas, conhecidas.

Mas, na medida em que me debrucei sobre seus relatos, pude principalmente refletir: quais possibilidades de construção de uma vida vivível se faziam ali? Quero dizer que, para além da dimensão do reconhecimento social do luto, sobressaiu-se o modo como cada um deles inventou uma possibilidade de viver tanto a relação quanto o seu luto. De modo algum isso diminui a importância posta na literatura de que as relações entre homens precisam ser reconhecidas socialmente e que isso estabelece melhores condições para a vivência da relação e do luto. Mas o deslocamento da questão (do reconhecimento para as possibilidades e inventividades) permite-nos sustentar um olhar para a força que atravessa essas histórias, que não espera por autorização ou reconhecimento e que por isso cria um mundo ao afirmar-se na singularidade de sua diferença.

Retomando a narrativa de Olímpico, o primeiro participante, como elucidado acima, ele foi o único dentre os seis que teve sua relação interrompida abruptamente pela morte. Estamos falando, então, de uma relação marcada e impressa na finitude dos corpos, da vulnerabilidade da existência. Seu relato foi permeado pela saudade, pela revolta do fim que não era desejo de nenhum dos dois, atravessado pelo adoecimento e morte.

Diversas perguntas são possíveis de serem feitas quando olhamos para sua história: será que existe o desejo de afirmação, por exemplo, da intensidade da relação entre ele e seu companheiro e por isso ele aceita participar da pesquisa? O retorno às lembranças, ao vivido, é um desejo de continuar narrando o que lhe aconteceu? Assim, dizemos que ao olhar para Olímpico, é preciso que haja

sensibilidade e calma: caso nos apressemos, somos facilmente passíveis de cair na armadilha das categorizações e normatividades das emoções e dos sentimentos, na medida em que, pautado em uma psicologia classificatória e normativa, as vivências e respostas de Olímpico nos remetem facilmente para elementos complicadores do processo de luto. No entanto, se olhamos mais de perto e com mais afinco, logo percebemos que são respostas esperadas e que fazem parte do processo do luto. O que encontro em Olímpico é uma força em dizer de uma história e relação que, mesmo sendo negada socialmente, segue sendo afirmada por ele.

No luto, não raras vezes, as pessoas ao redor do enlutado anseiam pela continuidade da vida, pelo "superar o luto" e seguir em frente. Olímpico é uma pessoa que vivencia suas emoções a seu próprio tempo e resiste às tentativas sociais de acelerarem seu processo. Ao olhar para seu luto, Olímpico mergulha em suas dores e, por isso, causa efeitos nas pessoas ao seu redor, causa choque, preocupação, *"mas ainda?"*, como disse sua mãe, por exemplo.

Provoco: e se para Olímpico a vida, hoje, conforme ele diz, realmente não faz mais sentido? E se para ele o fim seja uma saída e não algo a ser evitado? Qual a autonomia de um corpo frente ao desejo? Não sair do quarto talvez signifique não continuar a viver? A psicologia tem medo da morte, mas talvez Olímpico não. Olímpico vivenciou um fim, o mais terrível para si até então, que foi a perda de seu companheiro. O que vem depois, não lhe parece mais assustador.

Diante do luto de Olímpico é fácil ser tomado pelo sentimento aflito que move a necessidade de categorizar seu luto como complicado: é um jovem que prefere viver recluso em seu quarto. Esse é o modo que ele vive e que interroga nossas teorias sobre o luto na medida em que sustenta-o como um modo de viver, e não uma passagem. Vive-se o luto, não se passa por ele. Esse modo de viver o luto afirmado por Olímpico parece trazer à superfície uma interrogação fundamental: que vida vale a pena ser vivida?

Interrogar-se sobre isso é problematizar um campo que parece muito apressadamente sedimentado na Psicologia que ocupa-se do luto e que determina a vida como valor absoluto. A singularidade de Olímpico rasga a generalização que trata *da* vida e coloca em cena *uma* vida. E, por mais que possamos desejar que o jovem Olímpico encontre maneiras alegres de conectar-se com sua

vida, que saia de seu quarto e que encontre novos amores, precisamos também com ele reconhecer que essa não pode ser uma vida qualquer, tampouco um outro amor qualquer.

Já em um movimento contrário, Rodrigo faz do luto uma possibilidade de aprendizagem e de crescimento, rompendo com noções compulsórias da heterossexualidade que lhe atravessam a biografia desde a infância. Para ele, o luto configurou-se como um momento de experimentação de si, em uma procura por reencontrar-se frente à nova realidade que se instalou, uma realidade, a saber, que partiu de sua própria escolha. Importante destacar que em nossa sociedade patriarcal, este elemento da compulsoriedade heterossexual e relacional atravessa a vida das pessoas, seja pela busca de estabelecimento de relacionamentos, no movimento de emparelhar-se com outro corpo (mas veja bem: um corpo heterossexual) ou seja pela construção da instituição familiar, elemento presente em seu discurso quando diz que foi criado para ser hétero e para ter uma família.

Nestes movimentos de Rodrigo, podemos nos perguntar: o que move o desejo de cumprir papéis socialmente esperados e designados? Quanto a heteronormatividade e sua compulsoriedade desempenham papéis em nossa subjetividade na medida em que designa caminhos possíveis (e corretos) para experienciarmos nossa sexualidade? Quem determina o que é correto ou incorreto?

Sobre este elemento da normatividade, faço um ponto com algo que me afetou durante a realização do encontro com Rodrigo. Como elucidado anteriormente em sua narrativa, esperei ouvir uma história diferente da que ele trouxe; esperava ouvir os sentimentos desencadeados por uma ruptura geradora de sofrimento e isolamento pela total não aceitação social de seu luto e da experiência de viver um relacionamento não heterossexual. Ao contrário, Rodrigo me traz o relato de um luto que foi acolhido, amparado e possibilitador de novos significados e sentidos. É certo que precisamos olhar para dois marcadores sociais no qual Rodrigo insere-se: homem branco e de classe média. Esses elementos são importantes para que possamos compreender quais são os espaços em que tende a haver maior possibilidade de acolhimento e validação social frente ao relacionamento e consequente ruptura.

Não obstante, sobre minhas expectativas, a isso conecto com a noção normativa de psicologia que há em mim e que está em processo de contínua desconstrução, movimento este que se faz

fundamental, na medida em que a psicologia precisa atuar e olhar para as diferenças, para os corpos múltiplos e que, por isso, não pode ser generalista e classificatória.

Como bem pontua Preciado (2022) ao dirigir-se para uma platéia composta por centenas de psicanalistas, é importante que a psicanálise, e aqui amplio tal crítica para a psicologia e a psiquiatria, rompam com noções patogênicas dos corpos, das diferenças, quando buscam gerir um enquadramento das existências que em seus discursos e práticas clínicas criam "monstros", principalmente nos corpos que fogem à normatividade. Sobre esta noção de monstro, o autor explica que "o monstro é aquele que vive em transição. Aquele cujo rosto, corpo e práticas não podem ainda ser considerados verdadeiros em um regime de saber e poder determinados (Preciado, 2022, p. 36)." Isto é, o regime da diferença sexual opera de maneira violenta e radical, inclusive e principalmente nos discursos profissionais, necessitando de uma urgente revisão de suas teorias e pressupostos na contemporaneidade.

Desta forma, enquanto Rodrigo experimenta de si, ele vai cada vez mais longe da norma: da busca de um relacionamento heterossexual e monogâmico, amplia possibilidades, cria novos trajetos e linhas de existência. Logo, mais difícil fica de enquadrar sua experiência e, com isso, de reconhecer seu luto socialmente, visto que o reconhecimento social passa pela matriz normativa imposta por esta mesma sociedade. Em sua vida, Rodrigo cria uma trajetória de singularização e segue seu caminho, desafiando-se e fugindo à norma e às rotulações no que se refere à sexualidade e às formas de se estabelecer relacionamentos. Com isso, a vivência do luto abre-se para uma experimentação de si mesmo, colocando em suspensão modos já habituais de viver. Nesse sentido, ele passa a produzir espaço e liberdade.

Ainda sobre esta possibilidade do luto enquanto um processo de aprendizagem de si, Ulisses e Alfredo também fizeram de suas vivências recursos para crescimento pessoal e para a experimentação do novo. Ulisses buscou em outros espaços geográficos, em outros bandos, a possibilidade de encontrar-se e de sentir-se pertencente. Buscou em novos circuitos o sentimento e o desejo de poder ser quem quiser, sem ser o alvo de olhares e comportamentos hostis e violentos, como acontecia em sua casa.

Desta forma, Ulisses vai ao encontro de novas formas de viver que rompam com enquadramentos e expectativas de terceiros, principalmente de seu pai. Podemos pensar, assim, como

a experiência de romper um relacionamento afetivo-sexual lhe possibilitou a possibilidade de viver outros tantos relacionamentos que, não sendo desta ordem, puderam lhe proporcionar sensação de pertencimento e alívio. Encontrar um bando, um circuito, lhe fez sentir-se acolhido. É preciso, então, compreendermos como somos seres sociais, que nos constituímos nos espaços com os outros, em nossos territórios. Vivemos, existimos e experimentamos o mundo em rede, sempre em conexão com os outros, de maneira direta ou indireta. Pensar em nossas redes relacionais é pensar inclusive nas autorizações para podermos experimentar e transitar em diferentes espaços.

Alfredo, neste caminho, também pôde aprender, inclusive, novas compreensões políticas relacionadas ao direito ao corpo, aos relacionamentos, à existência. Sua própria sexualidade, seus desejos e vontades enquanto dispositivos que merecem atenção e respeito. Quando Alfredo fala das divergências políticas partidárias que teve com seu ex-companheiro, fala também de um local que até então lhe era cômodo: ele nunca havia precisado encarar situações de não reconhecimento social de sua sexualidade, pois ocupava um espaço de privilégios.

Já Otávio, em contrapartida, traz em sua história a marca de ser inscrito em uma família evangélica e atuante no contexto religioso, o que carrega consigo crenças que acabam por serem homofóbicas e discriminatórias em diversos sentidos. A religião atravessa a sexualidade de Otávio no caminho de (não) autorização ao (não) poder gozá-la e viver da maneira que seu desejo direciona e urge.

Neste caminho, podemos perguntar: quem nos autoriza a viver nossos desejos? Por que alguns espaços acolhem nossos desejos e outros, ao contrário, buscam o enquadramento e cerceamento destes? Assim, é como se Otávio vivesse à margem de si e de suas vontades. Sua sexualidade passa a ser colocada na ordem da inferioridade, do pecado, como ele mesmo elucida diversas vezes em sua narrativa. Inclusive, a questão do pecado é algo que, mesmo hoje vivendo com seu companheiro há alguns anos, em seu interior, no íntimo, ainda age de maneira a fazer com que ele se questione acerca de si e dos caminhos que vive.

No entanto, é preciso dizer que Otávio insiste, busca um movimento de resistência e continua a olhar para seu desejo, na busca de estabelecer novas relações, de adaptar e lutar contra os sentimentos que insistem em lhe dizer que vive em pecado. É o desejo que pulsa e que move.

Daniel também tem algo muito forte com a religião atravessado em si: seus pais, por serem pessoas ligadas à igreja católica, sendo a mãe ministra eucarística e o pai graduando em Teologia, percebe o peso da religião em si: são falas, gestos, olhares que os pais direcionam para si e que, por si só, acabam por serem violentos. A falta de acolhimento no término com seu companheiro, a quase súplica por acolhimento…

No entanto, assim como Rodrigo e Ulisses, Daniel faz da sua experiência de luto um momento de voltar-se para si, buscar dentro de si recursos para enfrentar a situação que se impõe e, com isso, percebe que já não é mais o mesmo. São nos momentos de distração, como enquanto fazíamos a entrevista, que ele olha para a câmera de seu computador e dá-se conta de que não é mais o mesmo: o filhinho da mamãe, como ele mesmo disse, já não mais existe, dando lugar a um novo EU, permeado por um corpo que resiste, que vai se tornando livre, que passa a reconhecer-se através das experiências que viveu.

Portanto, com estes diversos encontros, não buscamos produzir respostas universais para nossa questão norteadora. Ao contrário, o que aqui buscamos foi possibilitar um espaço nesta produção do sensível, ou seja, que direcionássemos um olhar diferente para tantas histórias, tantas vidas não tidas como reais, legítimas, mas sim despossuídas de reconhecimento e de direito, inclusive, ao luto.

Logo, é preciso olhar para a multiplicidade, mas reconhecê-la de maneira efetiva, como assinalam Deleuze e Guattari (2011):

> [...] é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades [...] Uma multiplicidade não tem nenhum sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas (Deleuze & Guattari, 2011, p. 23).

Portanto, creio em produções futuras que ampliem a temática, mas espero que sejam materiais que não percam de vista a noção que Foucault (2003) traz e que acima eu cito, mas repito com destaque: que olhemos para essas vidas como sendo poemas, vidas que possuem beleza e que exatamente por isso merecem ser contadas, compartilhadas, em sua totalidade e respeitando sua integridade. São os poemas-vidas, são vidas que passam por perdas, por violências, sofrimentos, mas que também encontram a beleza durante a caminhada, se ressignificam, aperfeiçoam-se, criam recursos de sobrevivência.

É preciso um olhar para além dos efeitos do sofrimento e que encara-se estas vidas como potentes. Afirmo que não é apenas de tristeza que se faz a construção de vidas de homens gays que, mesmo com tanta violência, discriminação e homofobia ainda resistem, lutam e se posicionam contra o modelo hegemônico da heteronormatividade.

Em uma sociedade normativa, raramente temos possibilidades de conhecer histórias de amor entre homens gays, já que nessa sociedade estamos mais acostumados a nos defrontarmos com imagens caricaturais dos homens gays, em que muitas vezes elas passam pela sexualização dos corpos, pelo deboche e, ainda, pela associação marcada com as questões relacionadas à HIV e AIDS. É preciso olhar para como a imagem dos corpos gays são compartilhadas nas mídias, na publicidade e nos discursos. Então, este trabalho é, também, uma tentativa de trazer à tona uma outra dimensão presente no mundo, na vida, na experiência e no cotidiano destas pessoas que por viverem em uma sociedade normativa, passam a ter suas histórias limitadas ao acesso. Logo, esta dimensão é, em essência, a dimensão da construção de relações, da perda delas e do modo como cada pessoa se inventa, na medida em que se relaciona com o amor e o fim do amor.

Por fim, neste trabalho, buscamos dar espaço às histórias em sua singularidade, com o objetivo de que as pessoas possam se aproximar com o que compõe estes sujeitos, suas experiências e relatos. Assim, buscamos destacar as singularidades de cada história narrada, em um movimento contrário ao agrupamento em categorização e à organização das falas em eixos temáticos. Este é, portanto, um texto que convida o/a leitor/a a expandir o campo do sensível, por meio da aproximação com histórias que pouco se ouvem.

Conclusão

Ter acolhido os relatos das pessoas aqui entrevistadas neste movimento de produção de dados e não de coleta, não visando o *uso* do que se produz, mas sim o *lugar* na qual são produzidos tais dados, me permitiu sentir diversas reações, inclusive no corpo, no físico. Eu, enquanto pesquisador, cheguei imbuído de (pré)conceitos, visões e hipóteses iniciais do que esperava encontrar. Surpreendi-me, pois alcancei diferentes discursos, realidades distintas que me fizeram enxergar as possibilidades plurais de ressignificação das rupturas de relacionamentos e, inclusive, das diferentes formas possíveis de se relacionar com o outro.

Por fim, reitero que a vida de homens gays que vivenciaram processos de rupturas, sejam por mortes concretas, como foi o caso de Olímpico que perdeu o noivo por um tumor cerebral, seja por relações que se findaram em vida, como Rodrigo, Ulisses, Alfredo, Otávio e Daniel, meu olhar deu-se no sentido de: como esses homens infames poderão ter este acontecimento, a perda, reconhecida socialmente? Qual seria o espaço possibilitado para que essas vidas, suas narrativas e produções fossem tomadas como importantes e que, assim, saíssem de um lugar desprezível?

Ao vislumbrarmos o luto, podemos constatar a singularidade neste processo, em que cada pessoa vivencia sua experiência de forma particular, baseado em diversos marcadores sociais e recursos internos que irão trazer especificidades para cada enlutado.

Referências

Azevedo, A. B de.; Henz, A. de O.; Rodrigues, A. (2019) Pesquisar no lugar infame, obscuro e mudo In: R. Mendes; A. B. de Azevedo, M. F. P. Frutuoso. (Org.). *Pesquisar com os pés - deslocamentos no cuidado e na saúde* (pp. 99-117). Hucitec Editora.

Barbosa, A. (2016) *Fazer o luto*. Lisboa: Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Butler, J. (2018) *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Civilização Brasileira.

Casellato, G. (2005) Luto não reconhecido: um conceito a ser explorado. In G. Casellato (Org.) *Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade* (pp. 19-33). Livro Pleno.

Casellato, G. (2015) Luto não reconhecido: o fracasso da empatia nos tempos modernos. In G. Casellato (Org.) *O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido* (pp. 15-28). Summus.

Chizzotti, A. (2006) *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*.: Vozes.

Corr, C. A. (1999) Enhancing the concept of disenfranchised grief. *Omega – Journal of Death and Dying*, *38*(1), p. 1-20.

Creswell, J. W. (2007) *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Artmed.

Doka, K. (2016) *Grief is a journey*. Atria books.

Doka, K. J. (2022) Luto não reconhecido In Zilberman, A. B., Kroeff, R. F. da S., Gaitán, J. I. C. (Orgs.) *O processo psicológico do luto*: *teoria e prática* (pp. 31-36). Editora CRV.

Doka, K. J. (Editor) (2002) *Disenfranchised grief: new directions, challenges, and strategies for practice.* Research Press Publishers.

Doka, K. J. (1999) Disenfranchised grief. *Bereavement Care*, *18*(3), p. 37-39.

Foucault, M. (2003) A vida dos homens infames In: Foucault, M. *Estratégia, poder-saber* (pp. 203-222). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2014) *A ordem do discurso*: *aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Edições Loyola.

Foucault, M. (2020) *História da Sexualidade. Vol. 1: a vontade de saber*. Paz e Guerra.

Franco, M. H. P. (2010) Por que estudar o luto na atualidade? In M. H. P. Franco (Org.) *Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade* (pp. 17-42). Summus.

Franco, M. H. P. (2021) *O luto no século 21 – uma compreensão abrangente do fenômeno.* São Paulo: Summus.

Kovács, M. J. (2007) Perdas e processo de luto. In D. Incontrini; F.S. Santos (Orgs.) *A arte de morrer: visões plurais* (pp. 217-238). Editora Comenius.

Kovács, M. J. (2011) A morte em vida. In M.H.P. Franco, M.J. Kovács, M.M.M.J de. Carvalho, V.A.de. Carvalho (Orgs.), *Vida e Morte*: *laços da existência* (pp. 11-33). Casa do Psicólogo.

Louro, G. L. (1997) *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Vozes.

Louro, G. L. (2004) *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Autêntica.

Minayo, M. C. S. (2009a) O desafio da pesquisa social. In M. C. S. Minayo (Org.), S. F. Deslandes, R. Gomes, *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 61-77). Vozes.

Minayo, M. C. S. (2009b) Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In M. C. S. Minayo (Org.), S. F. Deslandes, R. Gomes, *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 61-77). Vozes.

Parkes, C. M. (1998) *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. Summus.

Parkes, C. M. (2009) *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. Summus.

Preciado, P. (2022) *Eu sou o monstro que vos fala*: *relatório para uma academia de psicanalistas.* Zahar.

Rodrigues, C. (2020) Por uma filosofia política do luto. *O que nos faz pensar*, 29(46), 58-73.

Rodrigues, C. (2021) *O luto entre clínica e política*: Judith Butler para além do gênero. Belo Horizonte: Autêntica.

Strauss, A.; Corbin, J. (2008) Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Artmed.